

“A economia da educação torna-se refém da tecnologia da informação. De intensiva de trabalho, a escola passará a intensiva de capital.”

Peter Drucker, em Sociedade Pós-Capitalista (Pioneira, 1993).

O livro e o micro

Abordo de uma primeira cruzada de 20 mil micros, o Programa Nacional de Informatização da Educação (Proinfo) começa a treinar professores na utilização e programação de computadores de aplicação pedagógica. O programa espera colocar 100 mil computadores em 45 mil escolas da rede pública até novembro do ano que vem. Isso daria acesso aos rudimentos da computação a 6,5 milhões de alunos de 1º e 2º graus. Ou um quinto dos estudantes da rede pública.

Ainda estamos longe da escola digital, que já chegou. Na rede privada, igualmente. Das 41 mil escolas particulares do País, apenas 2% delas têm computador na sala de aula. Na administração, 63%. Em algumas escolas mais espertas, a relação já é de um micro para cada grupo de 28 estudantes. Nos Estados Unidos, um para 12.

A escola digital veio para ficar. Ela impacta e altera a função do sistema educacional na sociedade moderna, já nas águas quentes da economia do conhecimento, a reboque da tecnologia da informação. Nesse novo ambiente, a escola passa a responder por algo mais que a formação de cidadãos, mas também pela produção de profissionais em linha de montagem. De preferência, em parceria com a empresa.

Não se está destacando aqui no domínio do computador pelo estudante. E, sim, a difusão da informação e do conhecimento, em

progressão geométrica, pelo uso do computador na sala de aula. E, logo mais, em casa. Porque não está distante o dia em que um micro superdotado estará sendo vendido por R\$ 250 em estande de supermercado.

Oque vai mudar, com estrondo, diz o ministro Paulo Renato de Souza, é o projeto pedagógico da escola informatizada e do estudante idem. Instalar o “hard” até que é simples: basta o capital. Difícil é depurar o “soft”, vulgo currículo de cada escola, em cada região. Nessa construção, a instalação de 100 mil computadores em um ano e meio é um tiro de partida e não uma fita de chegada.

Peter Drucker compara a revolução pedagógica do micro - que ainda nem começou - com a revolução pedagógica do livro: o Ocidente assumiu a liderança mundial, a partir do século 16, exatamente quando reorganizou a escola em torno de uma tecnologia revolucionária - a cartilha impressa. Árabes e asiáticos mantiveram a cartilha impressa fora do sistema de ensino. Eles temiam que o aluno estudasse por conta própria. Um temor de fundamento religioso.

Resultado: no micro como no livro, o desafio da escola não está na tecnologia disponível, mas no uso que se faz dela. Diz Drucker: “A tecnologia só é importante quando nos força a fazer coisas novas e não apenas quando nos permite melhorar as coisas velhas.”